DIAS DE MERDA

Os dias de merda estão acabando.

Ao menos por algum tempo. Hoje é o dia do segundo turno das eleições — ainda temos que aguentar isso por algumas horas. Depois, o sossego não virá de imediato: o lado perdedor vai contestar, reclamar de fraude nas urnas, dizer que houve roubo. Aguarde. É sempre assim, aqui no país de vocês, como na grande maioria dos que se dizem democráticos. Mais uma farsa para que você acredite ter "livre-arbítrio" ao escolher quem o comandará pelos próximos quatro anos. Chega a ser ridículo. Você só tem a democracia — o direito de escolher — se deixa quem já te rouba continuar roubando por mais quatro anos, ou coloca um novo para te roubar pelos próximos quatro. Faça sua escolha. Utilize a democracia que lhe deram.

Além de aguentar esses dias de merda, ouvindo a baboseira de um candidato e de outro — e de vários outros "babacas" que se aproveitam da imbecilidade coletiva —, temos que exibir sorrisos, apertos de mão e cumprimentos, fazer de tudo para que acreditem que gostamos daquele candidato que, neste momento, está ao nosso alcance, espalhando mentiras aos quatro cantos por onde o vento leva suas palavras.

Temos que aguentar na televisão, nos jornais, nas redes sociais, em semáforos, em outdoors, no rádio, em reuniões de empresa — onde tomam nosso precioso tempo com belas palavras sobre mudar o mundo — e nós, como imbecis sociais, engolimos tudo isso e ainda brigamos com amigos sobre as propostas desses bandidos canalhas que apenas sugam nossa alma e também nossos bolsos descaradamente.

Dias de merda para você também.

Mas daqui a dois anos teremos tudo isso de novo: as eleições municipais. Novamente, demagogias à vista.

Esses dias — voltando poucos dias atrás — esteve por aqui um bom empresário dizendo que, caso eleito, lutará para reduzir a exagerada carga tributária. Mas quando lá estiver, fará como os demais: nada. Afinal, uma voz isolada naquele mundo de burocratas e bandidos que se beneficiam dos tributos de cada trabalhador e cada consumidor não tem tempo nem força para reduzir seus próprios benefícios.

A "gangue do poder" é maior do que qualquer coisa. E claro, eu — assim como os demais que ouvimos essas belas palavras — tivemos que aplaudir no final, pois ele se encontrava em nosso ambiente de trabalho. Assim como faríamos com qualquer outro: pegamos o "santinho", voltamos à nossa labuta diária, e lá pelo final da tarde — ao nos levantarmos do posto — olhamos para aquele papel, pensamos por não mais que cinco segundos, amassamos, e seu destino estava traçado ao encontrar o primeiro lixo onde se encaixaria adequadamente.

Afinal, sua pátria, se assim posso me referia a ela, não possui um “projeto de governo”, pois projetos de partidos que mudam constantemente. Desde a proclamação da república a história desta nação está perdida à margem de vendavais tribais.

Mas a culpa dessa corja se proliferar é apenas nossa. Não é de mais ninguém. Nós que nos importamos com essa elite grotesca e imunda que comanda a tal "democracia" — da qual nunca vi resultado que melhorasse algo de verdade. Essa elite que, por trás de panos brancos, nos suga a cada momento de nossa jornada diária. Talvez eu não devesse descrevê-los aqui com esses adjetivos; afinal, são brandos demais pelo que acontece e pelo que nos calamos.

Direita ou esquerda — tanto faz. Um bando que, por trás do poder, sabe muito bem como tirar o que você tem, jogando a culpa sempre no "outro lado". A esquerda, com discurso de melhorar a vida de cada cidadão, só eleva tributos, tira de quem produz e fabrica vagabundos aos montes. A direita incompetente se beneficia da luta diária dos menos abastados, suas políticas favorecem a classe alta — sempre —, joga a culpa na esquerda e jamais reduz os tributos que prometeu reduzir.

Sua vida melhorou quando? Quando você esteve vidrado em uma dessas linhas tendenciosas, ou quando botou sua força de produção e escolheu sua família para dar continuidade?

Deveríamos fechar as portas do comércio para essa elite suja — assim como em tempos passados os comerciantes de uma pequena cidade do Paraguai proibiram os políticos de abastecerem seus carros e entrarem em restaurantes. Cadê a força democrática que deveria existir nessa nação de vocês?

Eles só estão lá porque você continua acreditando que seu voto fará diferença, e ainda perde tempo saindo de casa para depositar seu voto em uma inutilidade qualquer.

Se fosse como na Alemanha — onde cerca de 60% das prefeituras são dirigidas por decisão voluntária de alguém da região, sem salário fixo —, não haveria essa corja lutando pelo seu voto.

As belas palavras que soltam a qualquer momento, prometendo algo em benefício do cidadão e da cidade, seriam verdadeiras: estariam lutando para melhorar o lugar onde também vivem. Mas enquanto houver um "salário gordo" e partilha de comissões (ao luar), isso não estará na pauta.

Acordem, eleitores.

Quando me debrucei sobre a história do vosso Império, uma coisa chamou minha atenção sobre Dom Pedro II — o monarca "respeitado por muitos e amado por poucos": em diversas ocasiões pagou os custos de suas viagens com o próprio dinheiro, recusando os recursos votados para uso pessoal ou governamental, e não aceitou sequer o aumento de seus vencimentos. O que acontece hoje com nossos políticos é o oposto

absoluto — ou isso parece coisa de conto de fadas? Afinal, se há algo que sabem fazer muito bem, e sempre na calada da noite, é o aumento dos próprios soldos.

No primeiro turno de vossas eleições, porém, houve um grande avanço: a grande maioria dos políticos antigos perdeu seus postos. Que incrível. Novos estão entrando. Derrubem eles também daqui a quatro anos.

A política não tem mais sustentabilidade por si mesma — ela precisa de ignorantes que acreditem em promessas vazias. O Estado é caro, impagável, em qualquer nação do mundo, e não possui riqueza própria. Ele apenas toma a riqueza de quem produz, e quem comanda isso são os oligarcas — ou, quando não, "sabugos" empossados por eles.

Assim, até hoje não consigo entender qual o papel da elite política em qualquer nação que se diz civilizada. Para que servem, se não para consumir verbas sem controle, instigar a violência entre lados, criar e abençoar a corrupção, e disseminar no mundo o gosto pela guerra — quando a paz seria infinitamente mais tranquila e não requereria tanto esforço?

Cada dia fica mais claro: não existe um candidato melhor, existe apenas um "menos pior". E então, iludido como se está, deposita-se o voto nesse "menos pior" — para quê? Para continuar o ciclo constante de corrupção.

Bom voto perdido, cidadão do mundo.

Voltemos alguns dias atrás. Em vossa rede nacional, é muito bom assistir a debates políticos — seja para presidente, governador ou prefeito. Sim! Não para ter ideia dos planos de governo, que inexistem de qualquer forma, mas para tirar a tristeza dos dias de trabalho e dar risadas sem fim com a família do que é debatido, do que se fala e das agressões que se veem em cadeia nacional.

A incapacidade intelectual dos candidatos é cada vez mais notável, e assistir a um debate político é mais engraçado do que gastar dinheiro no cinema para ver uma comédia. Afinal, nem precisamos sair do conforto do nosso lar.

Ainda me lembro da cadeirada que o candidato José Luiz Datena desferiu no não menos pior Pablo Marçal, num debate pela prefeitura de São Paulo. Ainda encontro motivos para momentos felizes quando me recordo daquilo.

Mas, como já disse, o ridículo não está apenas em vocês, eleitores cegos — está também na cadeia de desinformação mantida pela oligarquia. Posso mencionar, sem medo de errar, o próprio caso das Lojas Havan, ou melhor, de seu proprietário: aquele que aparece sempre vestido com as cores da bandeira nacional, como se fosse um patriota, e que, às vésperas da eleição do terceiro mandato do "molusco", declarou em cadeia nacional que, se este fosse eleito, ele deixaria o país e não mais investiria por aqui. Pois bem: não só não deixou o país como deu continuidade à expansão dos negócios. Fica

claro, mais uma vez, que esquecemos rapidamente — e nós, tapados, continuamos a dar lucro para um miserável desses.

Afinal, ele não só se esqueceu do que disse em rede nacional como também continuou à frente das lojas, e ao inaugurar a filial 187, em novembro de 2025, declarou publicamente: "Nós não temos que deixar o nosso país, nós temos é que mudar o país." Será que quer isso mesmo — ele, que em todos os governos do "molusco" expandiu estratosfericamente sua rede, passando de 4 lojas em 2002 para 199?

Você que lê estas páginas pode concluir algumas coisas: o país não é tão ruim assim; não é preciso cumprir o que se fala, apenas iludir a massa trabalhadora; e o que se diz em rede nacional, quando se tem "costas largas", é apenas marketing para enganar os iludidos que pensam que alguém está de algum lado que não seja o da geração de riqueza própria.

Esse mesmo homem, se não me falha a memória, ironizou mais recentemente — em julho deste ano — sobre a escala de trabalho 6x1, dizendo que um suposto robô que havia contratado trabalharia na jornada 7x0, "sem mimimi nem chororó" ou quaisquer reclamações trabalhistas. Que belo exemplo de empresário.

O direito de tomar algo do outro é constante em todos os corações dessa humanidade impregnada pelo desejo insaciável de posse — onde ter vale sempre mais do que ser.

Mas deixemos esse empresário de lado e lembremos do famoso lema tão repetido durante campanhas e tão esquecido nos dias que as sucedem: "Deus, Pátria e Família". Uma beleza de lema — que podemos confundir com dignidade e recusa aos atos constantes de terror que se acumulam no nosso cotidiano.

Mas de onde vem isso? Qual seu objetivo real? Claro: ninguém sabe nem quer saber. Apenas repete, porque o líder de maior carisma está dizendo, então deve ser bom. Mas pare um momento, pense, analise: esse lema foi criado no século XIX pelo pensamento de G. Mazzini e, posteriormente, amplamente utilizado como lema oficial do regime fascista de B. Mussolini, na Itália — aquele que foi aliado de Hitler e ajudou a praticamente exterminar os judeus. No Brasil, surgiu na década de 1930 pela AIB, extinta em 1937 pelo Estado Novo de Getúlio Vargas. Mais recentemente, o lema retornou com grande força na campanha presidencial de 2018 e ainda mais explicitamente em 2022. Esse trinômio aparece em discursos da extrema-direita em diversos países — novamente na Itália — como se seus programas de governo defendessem pautas morais.

Não custa ressaltar que a Europa carece muito de moralidade. Qual a moralidade de quem consumiu o continente africano, tomou suas riquezas e deixou o povo em extrema fome, comendo animais mortos e bebendo água suja — pois nem a dignidade dos poderosos europeus construíam uma política de saneamento básico para a região, mantendo-a às custas da submissão. Agora, esses países estão acordando, se revoltando

e expulsando descaradamente os exércitos dos colonizadores — Mali, Burkina Faso, Níger, Senegal, Chade, Costa do Marfim e República Centro-Africana. Outros ainda vão se levantar.

Cadê a moralidade europeia em relação ao continente africano? Cadê a moralidade europeia que aplicou 26.924 sanções contra a Federação Russa e, mesmo assim, não obteve o efeito previsto — e ela própria, a Europa, sofre com seus próprios embargos? Sua produtividade em larga escala era sustentada pelo fluxo constante de gás russo barato; agora paga várias vezes mais caro pelo gás do "parceiro" americano, enquanto os norte-americanos continuam comprando o gás russo mais em conta. Com tanto embargo e anos de guerra, a Federação Russa subiu no ranking econômico mundial e ultrapassou o Brasil — um país onde tudo se produz e que não conhece uma guerra de verdade.

A Federação Russa foi protagonista de cerca de 219 conflitos militares ao longo de sua história, sofrendo derrota em apenas cerca de 16 ocasiões. O ciúme europeu dessa nação é gigantesco — afinal, nem sequer a consideram europeia.

Cadê a moralidade desses líderes europeus que se dizem respeitados e não conseguem manter a ordem dentro da própria casa? Um bando de criminosos que enxerga apenas a bala atirada por outra nação, enquanto conspira com seus pares em constante cumplicidade.

País / Organização	Sanções Pré-Invasão *(2014 – Fev/2022)*	Sanções Pós-Invasão *(Desde Fev/2022)*	Total de Sanções Acumuladas
🇺🇸 Estados Unidos	1.153	6.441	**7.594**
🇨🇦 Canadá	465	3.722	**4.187**
🇨🇭 Suíça	358	3.773	**4.131**
🇪🇺 União Europeia	454	2.534	**2.988**
🇫🇷 França	227	2.463	**2.690**
🇬🇧 Reino Unido	185	2.097	**2.282**
🇦🇺 Austrália	100	1.571	**1.671**
🇯🇵 Japão	22	1.359	**1.381**

Ridículos — e cada vez mais gananciosos.

Mas voltemos ao país tropical onde tudo se produz, até mesmo canalhas em grande quantidade — afinal, este era o tema deste pequeno documento.

E como será daqui a dois anos, quando os candidatos se dividirão novamente em direita e esquerda? Pois após as eleições voltarão a ser amigos, e só brigarão naquele circo que é o Congresso Nacional (Câmara dos Deputados e o Senado Federal).

Do lado de fora, são parceiros de negócios, estratégias e ganhos ilícitos. Como você então se portará? Ainda vai acreditar que seu voto faz alguma diferença?

Idiota assim permanecerá?

Vou terminando por aqui — mas parece que falei apenas de um lado da moeda. Não se irrite: o outro lado é tão vergonhoso quanto, ou mais.

Mas este pequeno texto ficaria tão longo que você desistiria de ler. Talvez em outra ocasião falarei da imundice do lado do "molusco".

Boa sorte — e talvez nos encontremos aqui novamente em 2028 para discutirmos, ou darmos risadas, do ridículo de cada candidato.

Até lá.

Iuri Kosvalinsky

25.10.2026.